

## NA CAVERNA DE PLANTÃO

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

A primeira vez que ouvi falar de Platão foi na televisão. A minha memória embolorada (cheia de bolor (fungos (como vocês sabem))) dos meus oito-nove anos, indica-me que era um desses programas vespertinos (da tarde (como vocês sabem)) educativos da TV. Juro que era uma aula de matemática, mas posso estar enganado. Talvez eu esteja confundindo o mito da raiz quadrada com o mito da caverna (não posso asseverar). Lembro vagamente que o nome Platão me impressionou bastante por dois motivos: 1º) de vez em quando eu assistia o Hortelino Troca-letras junto com Piu-Piu, Frajola, Pernalonga, uma confusão na minha cabeça de oito-nove anos. Lembro que o Holtelino tlocava as letlas: o lato loeu a loupá do lei. L pelo R parece. Portanto Prató é do que falavam, o que aguçava meu apetite de oito-nove anos. 2º) No programa da tarde do dia anterior eu havia assistido uma aula do corpo humano. O assunto foi, vejamos só a coincidência, o OMOPLATA. Como sabem é o principal osso do ombro, inclusive do direito. Aí pulei de um prato enorme para um homem com um ombro enorme (omoPLATÃO). Eu o imaginava somente com o ombro esquerdo avantajado. Já naquela época eu prestava atenção nos plurais e o nome designado não era Platões. Nem sei porque defini o esquerdo. Essas afinidades e curiosidades linguísticas que já me afligiam na época dos meus oito-nove anos me levaram a ter meu livro *O membro inferior central e as peripécias da língua* publicado nesse nosso espaço. Agradeço a vocês (2 ou 3) que me acompanham e também aos demais (1 ou 2). No tal programa que falava de Platão eu comecei a prestar atenção por causa da caverna. Eu tinha uma certa atração mórbida por morcegos que (como vocês sabem) adoram cavernas onde dormem de cabeça pra baixo. Essa atração perdi quando mordeu-me um rato num mercado do Recife velho. Ratos e morcegos são a mesma coisa (como vocês sabem). Asas os diferenciam, tal como ocorre com seres humanos: asas os diferenciam. E o pior, os que as têm se diferenciam pelos tipos de voos. Abandonei ratos, morcegos e uma enormemente grande quantidade de seres humanos quando comecei a observar as modalidades de voos dos que têm asas. Foi aí que retomei o Mito da Caverna. Como me foi impossível deslindar o que havia sido dito naquela tarde de TV quando o mofo deu na minha memória de oito-nove anos, resolvi saber do que se tratava. Inclusive saber se tinha algo a ver com matemática. Mas isso foi agora, décadas depois do inusitado evento. Tenho minha caverna, todos temos (como vocês sabem). Pode ser de vários tipos: o banheiro, onde se desalojam as matérias vivas que vão ao esgoto para que sobrevivamos; algum canto da casa onde possamos ficar a salvo de nós mesmos por ficarmos a salvo dos outros; algum esconderijo na cabeça para evitar danos ao tronco e aos membros. Da caverna uterina donde viemos à caverna do sepulcro para adonde vamos uma miríade cavernosa nos rege.

Alguns espécimes humanos XY são tão adeptos que vivem em função de seus corpos cavernosos. XY me devolve à dúvida: o mito será da alçada matemática ou filosófica? Recorri, como animal inteligente em plena decadência, à Inteligência Artificial: *O Mito da Caverna de Platão, uma alegoria sobre a natureza da realidade e do conhecimento, pode ser interpretado sob a ótica da matemática de diversas maneiras, explorando a relação entre o mundo das ideias (formas matemáticas) e o mundo sensível (as sombras na caverna). Na matemática, lidamos com formas ideais e perfeitas, como círculos, quadrados e triângulos, que existem em um plano abstrato. No mito, as sombras na caverna representam as percepções imperfeitas do mundo sensível, enquanto as formas fora da caverna simbolizam as ideias perfeitas. A matemática, portanto, seria uma ferramenta para acessar esse mundo das ideias, representando a busca pela verdade além das aparências. A matemática é conhecida por sua natureza dedutiva e pela busca por verdades absolutas. Assim como o prisioneiro libertado busca a verdade fora da caverna, o matemático busca a verdade através da lógica e da razão, explorando as relações entre os objetos matemáticos. Alguns filósofos e cientistas acreditam que a matemática é a linguagem fundamental da realidade, capaz de descrever e explicar os fenômenos naturais. Nesse sentido, a matemática seria a ferramenta que permite ao prisioneiro libertado compreender o mundo fora da caverna, revelando a ordem e a estrutura subjacentes à realidade. A matemática também pode ser vista como um modelo do mundo sensível, permitindo-nos representar e prever os fenômenos observados. As sombras na caverna, nesse contexto, seriam as observações imperfeitas do mundo sensível, enquanto a matemática seria o modelo que permite compreender a natureza dessas sombras e a realidade que elas representam. O mito descreve a jornada do prisioneiro em direção à luz, um processo gradual de ascensão do conhecimento. Na matemática, o aprendizado também é um processo gradual, que envolve a construção de conceitos e a resolução de problemas cada vez mais complexos. Platão enfatiza a importância da educação para libertar os indivíduos da ignorância. Na matemática, a educação desempenha um papel fundamental na formação do pensamento crítico e na capacidade de compreender e aplicar os conceitos matemáticos. ....*

A sabedoria artificial me encanta. Acho que vou fazer uma selfie aqui na minha Caverna. Desde que revelei que meu membro inferior central era uma caneta e os corpos cavernosos estão (ainda) cheios de tinta, resolvi ficar de Plantão esperando as próximas notícias. Escrevendo. Na caverna do Platão pra saber o que os prisioneiros acorrentados achavam faltou tinta pra eles escreverem. Aqui na minha caverna sobram sombras na parede sem que eu saiba do que se tratam, mas ainda tenho tinta.

E por isso fico por aqui de plantão permanente na caverna. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.  
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.